



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – PÓLO DE ALTAMIRA**

ANDREIA LEÃO DE SOUSA

**EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ANAPU- PA**

**ALTAMIRA- PA
Janeiro de 2023**

ANDREIA LEÃO DE SOUSA

**EXPERIÊNCIA E REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA
COMUNIDADE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM ANAPU- PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Educação do Campo, ênfase em Linguagens e Códigos, da Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Profa. Raquel Lopes

ALTAMIRA-PA
Janeiro 2023

S725e Sousa, Andreia Leão de.
 Experiência e reflexão sobre a Educação do Campo na
 comunidade Nossa Senhora da Conceição em Anapu - PA /
 Andreia Leão de Sousa. — 2023.
 IX, 26 f. : il.

 Orientador(a): Prof^a. Dra. Raquel da Silva Lopes
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Universidade
 Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade
 de Etnodiversidade, Altamira, 2023.

 1. Educação do Campo . 2. Experiência das famílias
 . 3. Escola . I. Título.

CDD 370

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por permitir que eu realizasse meu sonho de cursar uma graduação.

Agradeço também a todos os meus familiares que me apoiaram. Em especial, a meu esposo e minhas filhas que sempre estiveram comigo ajudando e incentivando.

Sou grata a todos os colegas de Faculdade, que de alguma maneira contribuíram para essa conquista, pessoas com quem dividi momentos alegres e momentos tensos, naturalmente proporcionados pelas atividades acadêmicas.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Raquel Lopes, pela paciência e dedicação nas orientações e a todos os professores do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará por todos os ensinamentos.

RESUMO

O presente artigo tem como propósito fazer uma reflexão sobre a Educação do Campo na comunidade Nossa Senhora da Conceição que fica localizada na vicinal Surubim Município de Anapu PA. Levando em consideração as experiências das famílias desta localidade, mostro um pouco o que enfrentaram para conseguirem escolas, igrejas e outros recursos básicos. Neste trabalho vou dar destaque para a escola Osvaldo Cruz pois foi nela que fiz meus estágios, por isso tive a oportunidade de conhecer melhor alguns pais, professores e alunos, bem como os assuntos relacionados a esta escola, como o currículo, o Projeto Político Pedagógico (PPP), o trabalho de organização dos professores e situação profissional deles. Além disso por estar fazendo o curso de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e códigos, trago algumas informações dessa área de estudo.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Experiências das famílias; Escola.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the Education of the Field in the Community of Our Lady of Conception, which is located in the vicinal Surubim Município de Anapu PA. Taking into account the experiences of the families of this locality, I show a little what they faced to get schools, churches and other basic resources. In this work I will highlight the school Osvaldo cruz because it was in it that I did my internships, so I have the opportunity to know better some parents, teachers and students, as well as the subjects related to this school, such as the curriculum, the Political Pedagogical Project (PPP), the work of organizing teachers and their professional situation. In addition, because I am doing the course of Field Education with emphasis on Languages and codes, I bring some information from this area of study.

Keywords: Field Education; Experiences of families; School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Area externa da escola16
Figura 2- Refeitório17
Figura 3- Banheiros.....17

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	10
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE E DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS	10
2.2. AS LUTAS PELA EDUCAÇÃO: EM TORNO DA ESCOLA OSVALDO CRUZ.....	12
2.3. RELAÇÃO DA ESCOLA COM A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E FAMÍLIAS	18
2.4. SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA ESCOLA.....	19
2.5. CURRÍCULO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA	20
3. O POTENCIAL TRANSFORMADOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LINGUAGEM NA ESCOLA	23
3.1. A VISÃO DOS PROFESSORES	26
3.2. A VISÃO DOS ALUNOS	29
3.3. A VISÃO DOS PAIS.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de pesquisas realizadas durante a experiência vivenciada no Curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), entre julho de 2018 e dezembro de 2022. Este curso de formação de professores está organizado de acordo com a Pedagogia da Alternância cujo eixo central consiste na articulação entre dois diferentes espaços-tempos de aprendizagem: o Tempo-Comunidade (TC) e o Tempo-Universidade (TU).

O curso acontece em etapas ou módulos alternados, sendo as atividades de TU realizadas nos meses de janeiro e fevereiro e julho e agosto. A cada semana é ministrada uma disciplina diferente e ao término de cada etapa na universidade, os discentes realizam as atividades de TC nas comunidades onde residem.

Sou moradora da Vicinal Surubim há 28 anos, sempre estudei em escola pública, meus pais eram analfabetos, por isso foi muito difícil para que eu e meus seis irmãos pudéssemos estudar. Mesmo com muitas dificuldades, somente eu até agora estou conseguindo terminar uma Graduação. E essa oportunidade atribuo a dois fatores fundamentais: o primeiro é a possibilidade que o curso traz para os povos do campo e o segundo, foi pela minha dedicação e esforço para conseguir o Ensino Superior e pretendo continuar estudando.

Meu objetivo principal consiste em mostrar reflexões e experiências das famílias da Comunidade Nossa Senhora da Conceição pelo direito à educação, especialmente a partir do trabalho com a linguagem no processo educacional vivenciado na escola Osvaldo Cruz, localizada na Vila Surubim, município de Anapu. Nessa direção, apresento a trajetória de luta dessas famílias pelo direito à terra como direito primordial a partir do qual se articulam outras lutas, pela garantia de uma vida digna no campo.

A escolha por este tema se deve ao fato de ao longo de todos esses anos de formação eu ter conhecido a história das lutas por uma educação de qualidade na comunidade e, então, considerar pertinente escrever meu TCC sobre essa temática para apresentar essa realidade a outras pessoas que não residem na localidade. Considero também a importância de registrar relatos de moradores que foram pioneiros na formação da comunidade, estando presentes desde a abertura da Transamazônica, para conhecer a história do lugar onde moro e poder contá-la a outros moradores mais jovens.

A metodologia utilizada na produção dos dados aqui analisados consistiu em realizar entrevistas com pais, alunos, professores e outros moradores da comunidade Nossa Senhora da Conceição a fim de coletar informações para a confecção dos relatórios de Tempo-Comunidade. Realizei também observação direta, tanto na escola quanto em outros espaços sociais da comunidade.

Para melhor apresentar os resultados obtidos, o texto está organizado em dois capítulos. O capítulo 1 aborda o percurso teórico-metodológico trilhado para a obtenção dos dados em análise: o subcapítulo 1.1 traz um breve histórico das famílias, da comunidade e da escola Osvaldo Cruz, descrevendo algumas lutas coletivas durante o povoamento e desenvolvimento da região, destacando o papel da igreja nesse processo; o subcapítulo 1.2 trata do processo de criação da escola Osvaldo Cruz e os desafios enfrentados para conseguir essa e outras conquistas não só relacionadas à educação, além de informações a respeito da instituição de ensino; o subcapítulo 1.3 descreve como se dá a relação da escola com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e as famílias dos alunos; o subcapítulo 1.4 trata da situação dos profissionais da escola; e o subcapítulo 1.5 apresenta informações a respeito do currículo e do Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição e das dificuldades relacionadas a Educação do Campo.

O capítulo 2 discorre a respeito das análises feitas a partir das observações realizadas em sala de aula sobre o trabalho pedagógico na área da Língua Portuguesa, bem como questões relacionadas ao letramento e aos pressupostos metodológicos. Nos subcapítulos 2.1, 2.2 e 2.3 encontram-se informações acerca da visão dos professores, dos alunos e dos pais a respeito do trabalho pedagógico e, por fim, as considerações finais que trazem um balanço do trabalho e das contribuições do curso de Educação do Campo em minha vida.

Para a obtenção de alguns dados ao longo deste trabalho eu realizei algumas entrevistas, nas quais foram com: 04 professores, 01 diretora, 01 vigia, 02 pais, e 02 pessoas que moram a mais tempo na comunidade citada acima.

2. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE E DAS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

As investigações acerca da realidade das lutas pela educação e por melhores condições no campo pelas famílias na Comunidade Nossa Senhora da Conceição tiveram início no ano de 2018, quando começou o meu processo de graduação. Os questionamentos iniciais feitos para essas famílias, por ocasião da realização da pesquisa para o primeiro tempo-comunidade foram: de onde vieram? Por que vieram? O que esperavam conseguir de melhor aqui?

De acordo com os entrevistados, suas vindas para cá foram motivadas por informações de que aqui as terras eram bem produtivas já que suas terras eram bastante improdutivas e naquela época não havia subsídio nenhum do governo para os agricultores, nem assistência técnica ou qualquer outra política pública que ajudasse na produção da agricultura familiar; outros se referiram à falta de escolas, de estradas e de postos de saúde.

Entre os que chegaram através de informações de outras pessoas de que nesta região as terras eram produtivas e que poderiam a longo prazo se desenvolver, muitos falaram que por falta de conhecimento da região compraram terras no município de Altamira, em um povoado conhecido como ramal São Francisco, e outros no município de Senador José Porfírio, mas essas terras eram “fracas”; desta forma foram em busca de outras melhores e acabaram chegando à Vicinal Surubim.

As primeiras famílias que chegaram nesta localidade contam que enfrentaram muitas dificuldades, pois não havia estradas, a região era coberta por área de floresta nativa e por isso tiveram que fazer “veredas ou piques”, que era como os agricultores chamavam os lugares/passagens por onde faziam seus trajetos: eram caminhos feitos manualmente utilizando foice, facão ou machado – principais ferramentas usadas na agricultura.

O povoamento nessa região começou no final dos anos 1970 e foi se intensificando ao longo do tempo. Como já citei anteriormente, existiam muitas dificuldades, apesar disso, alguns entrevistados falaram que naquela época em partes era melhor do que hoje, porque praticamente todas as famílias plantavam e colhiam seus próprios alimentos, de forma mais saudável e sem o uso excessivo de agrotóxico como ocorre atualmente.

Outro fator importante que foi enfatizado pelos entrevistados, e que diz respeito aos processos coletivos de formação da comunidade, é que as famílias se reuniam em mutirões para fazer todas as atividades que necessitavam em suas propriedades, seja no trabalho da roça, seja na construção de moradias, escolas, igrejas ou de barracões comunitários (que era onde se juntavam para fazerem suas reivindicações). Hoje esta prática já não acontece com frequência.

Nesse sentido, a participação da igreja católica nos mutirões foi muito importante ao passo que essa instituição religiosa por ser um ponto de encontro de fiéis, muitas ações eram organizadas lá mesmo e a busca de muitos benefícios que foram conseguidos através das lutas da comunidade foi incentivada e iniciada por líderes religiosos da região.

No dia oito de dezembro é comemorado o dia da padroeira desta comunidade, Nossa Senhora da Conceição. Os católicos da região são convidados para o festejo em homenagem a esta santa na casa da Isabel Costa, mais conhecida como Dona Belinha, uma das primeiras moradoras que chegou aqui na vicinal, hoje com noventa anos; desde que chegou aqui fez uma promessa de que enquanto estivesse viva, todos os anos ela iria providenciar a celebração de uma missa nesta data. A missa é rezada sempre pela manhã, em seguida é servido o almoço e a noite tem a festa dançante.

Dada a importância dessa moradora para a história da comunidade, apresento a seguir uma parte de seu depoimento em que ela nos conta uma parte de sua trajetória.

Eu era seringueira, passei mais de vinte anos nesta profissão, não consegui me aposentar como seringueira. Comecei a trabalhar com doze anos de idade para ajudar a minha mãe, pois meu pai era bebedor de cachaça e tudo que fazia era para a bebida. Também fui pescadora, pescava o dia todo; a noite salgava os peixes, passava três dias nesse rojão, enxia meus isopores de peixe, pegava minha canoa e ia para os povoados vender. Passei boa parte da minha vida entre o Xingu e o Iriri. Toda vida gostei de tomar frente de igrejas. Eu não tinha vontade de casar, mas muita gente dava conselho para mim casar até que me casei, tive nove filhos; mas, não tive sorte com o casamento, pois meu marido era mulherengo por isso fui obrigada a me separar dele; mas nunca abandonei meus nove filhos, criei todos sozinha. Com muito trabalho comprei uma casa em Altamira onde deixava meus filhos estudando e eu continuava na luta, até que certo dia apareceu um homem oferecendo esta terra, aí eu vendi a minha casa e comprei a terra, na época meu filho mais velho tinha quinze anos; chegamos aqui só com cara e a coragem, trabalhava no pesado como se fosse um homem, mas como sempre tive muita fé em nossa Senhora da Conceição, nunca faltou o pão de cada dia. Hoje tenho 90 anos, não posso mais realizar os festejos da santa em minha casa, já faz dois anos que a missa é rezada na igreja, mas nunca deixei de ajudar com as minhas contribuições. Comecei os festejos da santa, o almoço era galinha caipira, depois porcos e por último já faz mais vinte anos

que no almoço era servido churrasco, pois durante esse tempo todos os anos matava uma vaca para os fiéis.

Essa fala demonstra a realidade de muitas comunidades ao longo da Transamazônica e de pessoas que, assim como dona Belinha, ocuparam essa região em busca de melhores condições de vida para suas famílias. Nesse contexto, um aspecto importante a ser observado está relacionado à importância mecanismos simbólicos criadores de coesão social e da igreja católica por meio de agentes pastorais ligados às CEBS/Comunidades Eclesiais de Base, que fomentavam a organização popular e contribuía para o fortalecimento das comunidades camponesas. De acordo com Arroyo (2014),

... esse é um dos aprendizados que os coletivos de trabalhadores (as) em movimentos trazem para o pensamento pedagógico. Mostrar em rituais e símbolos a força pedagógica da terra, do trabalho, da vida produtiva. Apenas destacar o caráter didático desses rituais e símbolos não dá conta de suas virtualidades formadoras. São mais do que didáticas. A sua força está em fazer presente a força pedagógica do real: terra, trabalho, esforço humano, coletivo, por transformar a terra, produzir a vida construindo valores, culturas, identidades, humanizando (ARROYO, 2014, p. 85).

Nessa conjuntura é perceptível o múltiplo papel dessa instituição como agente educador, nos vários sentidos dessa palavra. Além da importância da formação de leitores para ler a bíblia e discutir os assuntos relacionados a ela na igreja, porque naquela época eram poucas as pessoas que sabiam ler, a igreja com seus rituais também contribuiu para a formação de novos professores.

A colaboração da igreja tanto na criação quanto no desenvolvimento da Comunidade Nossa Senhora da Conceição foi de grande valia, haja vista que esta, além de incentivar, participou (representada por seus dirigentes) de ações que foram determinantes para o processo de ocupação da região, como a luta por educação escolar, na qual agentes pastorais, como a Irmã Dorothy Stang, tiveram grande participação.

2.2. AS LUTAS PELA EDUCAÇÃO: EM TORNO DA ESCOLA OSVALDO CRUZ

Segundo um dos entrevistados, um dos moradores pioneiros desta comunidade, percebendo a necessidade, decidiu doar dois alqueires de sua terra para fundar o povoado que ficou conhecido como Agrovila Surubim, porque a vicinal também tem o nome Surubim. Esta vila fica distante da Transamazônica seis quilômetros. Com o surgimento desta agrovila, várias famílias se reuniram e decidiram pagar uma professora durante três anos, até que a irmã Dorothy Stang, com muitas

cobranças perante o Estado em Belém, conseguiu fazer com que fosse contratada uma professora (que disse ter trabalhado seis meses sem nenhuma remuneração, mas mesmo assim não desistiu porque via a necessidade das crianças e a luta das famílias pela educação nesta comunidade) para lecionar de primeira à quarta série; quando os alunos concluíam a maioria parava de série porque seus pais não tinham condições financeiras para que continuassem os estudos.

A saudosa irmã Dorothy, que residia às margens da Transamazônica, na comunidade conhecida como Centro Nazaré, distante da vila dez quilômetros, sempre visitava as famílias e incentivou os pais a lutarem junto com ela para conseguir trazer de 5º a 8ª série, que era o antigo primeiro grau, para o centro Nazaré. E através de muitas lutas conseguiram mais esta conquista no processo educacional destas famílias.

Contudo, a realidade ainda era difícil, pois os alunos que quisessem continuar os estudos teriam que ir a pé e alguns andavam mais de quinze quilômetros para chegar ao Centro Nazaré; chegando lá passavam quinze dias estudando, depois vinham em casa na sexta-feira e retornavam no domingo para a instituição de ensino até terminar a etapa de aula. Apesar das dificuldades relatadas por quem passou por este processo educacional, os entrevistados disseram que valeram a pena os esforços, pois foi a partir da formação do primeiro grau destes estudantes que surgiram outras escolas tendo como professores os egressos desta modalidade de ensino. A primeira professora da comunidade Nossa Senhora da Conceição já está aposentada por tempo de serviço.

Depois de quase 10 anos de muitas lutas, os moradores construíram a escola, conseguiram implantar o ensino fundamental maior e através de intensas cobranças e abaixo assinado também tivemos o privilégio de conseguir o ensino médio. Antes da instituição passar por uma reforma, realizada pela empresa Norte Energia, faltava sala de aula e o ensino médio muitas vezes teve que funcionar nos barracões das igrejas, mas, após essa reforma as coisas estão se normalizando aos poucos.

Além dessas lutas coletivas em prol de benefícios para a comunidade, muitos moradores se juntaram e criaram Associações para representar os agricultores em demandas por financiamentos e políticas de créditos agrícolas; geralmente os projetos pleiteados eram para criação de bovinos, lavouras cacaueiras, cafezais e até mesmo plantios de lavoura branca, pois naquela época estava no começo da abertura nestas terras e era preciso preparar as roças todos os anos.

Na agrovila, anos depois da construção da primeira escola, também foi construído um posto de saúde; até a chegada desse equipamento os principais recursos de saúde eram as ervas medicinais e um farmacêutico que morava perto da entrada da Vicinal Surubim, profissional que ganhou muita credibilidade dos moradores, que ainda hoje é procurado para consultas e orientações sobre uso de medicamentos. Durante esse período em que não havia atendimento em saúde pública, parteiras e benzedeiras também eram muito úteis na vida dessas famílias.

A escola Osvaldo Cruz foi fundada no início da década de 1980, na época a primeira professora a lecionar na instituição durante os três primeiros anos de trabalho era paga pela comunidade e após esse período passou a receber do Estado. A segunda professora trabalhou seis meses sem remuneração, a partir daí após reivindicações feitas pela Irmã Dorothy diretamente em Belém, ela também foi contratada para trabalhar pelo Estado.

De acordo com as informações que obtive durante entrevistas de alguns funcionários da escola Osvaldo Cruz, o tamanho da área da instituição mede 2800 m², é de alvenaria, murada, possui atualmente sete salas de aulas, três banheiros, uma cozinha, um refeitório, uma sala onde ficam guardados os computadores (adquiridos há aproximadamente quinze anos e praticamente nem foram usados, pois sempre que se começava fazer uso desses equipamentos para ensinar aos alunos pelo menos umas coisas básicas na área de informática, os computadores apresentavam defeito).

Não tinha internet na escola e a que tem hoje não atende à demanda da instituição e, devido ser de péssima qualidade esse serviço, a diretora falou que utiliza a internet de pessoas que moram próximo à escola.

Sobre os computadores ficarem parados na escola, a diretora falou que se os equipamentos estivessem funcionando e a internet fosse boa, ajudariam os alunos na hora que precisassem, pois nem todos os alunos têm celular.

Na escola Osvaldo Cruz até 2021 não tinha quadra esportiva, havia apenas um pequeno espaço que era utilizado pelos professores e alunos para realização das aulas de educação física, que acontecem todas as sextas feiras, e para os alunos brincarem no período do intervalo.

Mas agora neste ano de 2022, com o cumprimento da promessa de campanha de uma deputada há quase dez anos, a construção de uma quadra esportiva na Vila Surubim se concretizou. Esta quadra foi construída fora do espaço da instituição do

outro lado do muro da escola; de vez em quando os professores levam os alunos para jogar futebol, voleibol, dentre outras atividades esportivas, fazendo com que os discentes não fiquem presos só às aulas teóricas e desta forma possam despertar cada vez mais o interesse pela escola. Assim, os alunos vão aprendendo que o jogo tem duas opções, que é ganhar ou perder e que, independentemente do resultado, é preciso respeitar o lado do outro. O lugar em que construíram a quadra esportiva era um campo de futebol há mais de vinte anos feito pelas pessoas desta comunidade, onde realizavam festas juninas, atos políticos dentre outros eventos.

Desde 2015, vêm sendo realizadas as formaturas dos alunos que concluem o ensino fundamental. Essas comemorações, além de ter a participação dos professores, contam com o apoio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e de membros da comunidade, isto tem feito com que muitos alunos ao chegar no ensino fundamental maior fiquem mais interessados e se empenhem para não repetir de ano.

Embora tenha havido avanços nessa relação com os estudantes, ainda falta melhorar outras condições de oferta de educação, especialmente no que diz respeito ao caráter de agência de letramento da escola. Um dos professores que entrevistei falou que esta escola dispõe de uma pequena sala que chamavam de biblioteca, mas para ele era apenas um depósito de livros, porque em sua concepção, para ser uma biblioteca teria que ter um espaço amplo com muitos livros e um cantinho reservado para a leitura. Porém, mesmo com a reforma que foi feita, não construíram a biblioteca para guardar os livros, que continuam em um ambiente com pouco espaço para atender a demanda da escola.

Com relação a livros didáticos, o professor disse que o acervo nem sempre é suficiente para atender a demanda de alunos. Também mencionou que é ciente de que os livros didáticos vêm para a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), pois já presenciou diversas pilhas de livros lá, e que não sabe por que demoram a chegar nas escolas ou às vezes nem chegam, pois esta escola já estava com alguns anos que não recebia livros didáticos novos; no momento da entrevista, tinham chegado livros novos e o professor falou que parte desses novos livros é interessante, já a outra parte precisava de alguns ajustes, porque são conteúdos que retratam temas desconexos da nossa realidade aqui da região norte e principalmente do campo.

Com relação a outros materiais didáticos, um professor que faz parte do conselho escolar falou que a escola sempre tem que lidar com a falta desses

materiais, porque o Projeto Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que é destinado para a compra de alguns materiais didáticos, tem a proposta elaborada no ano anterior (o recurso que a escola recebeu em 2019 refere-se ao projeto feito com base na quantidade de alunos do ano de 2018). O número de alunos aumenta a cada ano e isso dificulta muito quando a escola precisa desenvolver algumas atividades, principalmente nas aulas de artes, pois os materiais disponíveis (cartolina, lápis de cor e outros) nunca são suficientes e os professores têm que tirar de recursos próprios para garantir atender a todos os alunos, porque o que foi comprado com o dinheiro do PDDE não supre a demanda de todas as turmas. Além disso, em relação à estrutura da escola pude perceber o quanto é desconfortável para os alunos estudarem naquela instituição, pois as salas são muito quentes e os ventiladores são muito barulhentos, sendo necessário desligá-los para ouvir os alunos quando a professora precisa discutir os assuntos. A seguir, nas figuras 1, 2 e 3 será mostrada algumas imagens desta escola.

Figura 1- Area externa da escola



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 2- Refeitório



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 3- Banheiros



Fonte: Arquivo pessoal da autora

2.3. RELAÇÃO DA ESCOLA COM A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS E FAMÍLIAS

De acordo com os entrevistados, a comunidade é uma grande parceira da escola por estar sempre pronta para contribuir em todos os eventos que são aí promovidos, seja com doação em dinheiro ou outros donativos, como refrigerantes ou carne para o churrasco, e desta forma os eventos acontecem da melhor maneira possível.

Se, porém, a relação com a comunidade parece ter elementos de ‘parceria’ efetiva, a relação com a Secretaria Municipal de Educação/SEMED traz alguns elementos de tensão: os professores entrevistados disseram que o trabalho realizado pelos coordenadores e técnicos da SEMED deixa muito a desejar, porque eles são um pouco ausentes e deixam praticamente todos os problemas da escola para a diretora resolver. Um professor disse que às vezes a diretora está ocupada com os afazeres da escola e é chamada na SEMED para resolver pendências, que os próprios coordenadores pedagógicos poderiam resolver. Um dos docentes, Benedito Gomes, que atua há mais de 16 anos nesta instituição de ensino relatou o seguinte:

No meu ponto de vista essa relação é um pouco fragilizada, porque quando surge algum problema na escola, a secretária vem com argumentos de falta de recurso financeiro para atender as demandas necessárias. Agora recentemente tinha um banheiro com o vaso quebrado, aí eu e a diretora já estávamos cansados de mandar ofícios para a SEMED, reclamando da situação e nada foi resolvido. Certo dia eu resolvi ir pessoalmente na SEMED, cheguei lá conversei novamente sobre o caso com um dos representantes, só que desta vez com uma proposta diferente, perguntei se tinha como ele providenciar o vaso, que eu me comprometeria de ir à procura de alguém da comunidade para trocar o vaso do banheiro e logo minha proposta foi aceita. (Sr. BENEDITO, 2022).

Diante de problemáticas de natureza estrutural, era de se esperar que o ente público responsável tomasse as providências necessárias à resolução das demandas da escola, mas o que se vê a sua crescente desresponsabilização, e chama atenção o fato de que é o professor que, além de suas ocupações na sala de aula, também tem que se ocupar com essas situações e ainda ter que pagar do próprio bolso para que alguém conserte algo na escola.

Sobre os movimentos sociais, um dos entrevistados respondeu que o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará (SINTEPP) e o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Anapu (SISMUA) participam da escola e essa participação acontece de forma direta e indireta. De forma direta, acontece quando o poder público quer retirar direito do servidor público, os representantes dos sindicatos

logo convocam reuniões para juntar as forças e lutar pelos direitos cabíveis. Também falou que tinha um professor com o quadro de saúde bastante debilitado, diante desta situação o SINTEPP articulou uma reunião com seus filiados para tratar de um assunto relacionado a uma reserva financeira que tinha na conta do sindicato e a pauta da reunião era justamente saber dos filiados se eles eram de concordavam com a ideia de pegar parte daquele recurso e doar para auxiliar no tratamento do professor, todos concordaram com ajuda dada ao professor, mas, infelizmente por conta da gravidade doença o professor não resistiu e veio a óbito.

Considera-se que a atuação do sindicato ocorre de forma indireta quando articula algo sem a presença dos filiados, como por exemplo, agora o SISMUA está articulando sobre as vagas que serão necessárias para o próximo concurso público. De acordo com um dos entrevistados, esta articulação aconteceu da seguinte forma: o sindicato visitou praticamente todas as escolas do município fazendo levantamento de quantas vagas realmente serão necessárias para atender as necessidades do município, o que está sendo feito devido aos concursos anteriores terem sido realizados sem levar em consideração o número exato de vagas contratadas.

Mas, aproveitando a oportunidade destas visitas às escolas, os representantes dos sindicatos, conversando com os servidores, tiveram conhecimento de que muitos servidores não estavam recebendo suas progressões corretamente, pois tinha trabalhadores com até seis benefícios atrasados, sem contar as outras irregularidades como por exemplo os vigias que estão trabalhando acima da carga horária permitida e o SISMUA está sempre na luta tentando resolver essas e outras situações.

2.4. SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA ESCOLA

Com relação ao corpo docente, a escola conta hoje com oito professores, uma diretora e um auxiliar administrativo, três vigias e oito serventes. Todos os vigias e as serventes são concursados, já os professores, dos oito, cinco são concursados, sendo que só uma professora tem mais de trinta anos de atuação nesta escola (ela foi a primeira professora da instituição). Uns começaram a lecionar do ano de dois mil e quinze para cá. Em se tratando de plano de cargos e salários, todos os concursados disseram que têm e que são sindicalizados, pois como já foi falado fazem parte do SINTEPP e do SISMUA.

A respeito do nível de escolarização dos docentes e do pessoal de apoio administrativo, todos os professores têm nível superior com formação em pedagogia, a maioria tem alguma especialização e apenas um funcionário na parte administrativa tem nível médio e é concursado.

Os professores disseram que têm formação continuada anualmente, que acontece através de encontros pedagógicos, palestras que são ministradas pelos coordenadores sobre educação; alguns profissionais disseram que fazem especializações para melhorar o processo de ensino; para eles, essas iniciativas trazem bons resultados e têm contribuído na aprendizagem dos alunos.

A idealização de que o professor tem que ser um simples realizador de tarefas previamente elaboradas, com passos a seguir como em uma receita, principalmente por meio dos manuais ofertados aos mestres, foi muito disseminada durante muito tempo no campo educacional.

Para Monteiro (2001), essa forma de perceber a atividade docente ainda está presente na prática do dia a dia de muitos professores, apesar das críticas e dos questionamentos feitos. Para que haja mudança nesta realidade é preciso que o professor seja criativo na elaboração do seu planejamento, sempre respeitando tudo aquilo que o aluno traz de experiências vividas ao longo de sua trajetória de vida.

Dessa forma, seria interessante que os encontros pedagógicos acontecessem com mais frequência, pois o último encontro aconteceu antes da pandemia. Além disso, faltam na escola professores formados que atuem na sua área de formação, haja vista que a maioria é formada em Pedagogia, a exemplo de uma professora formada no curso de Educação do Campo com ênfase em Ciências da natureza e Pedagogia que leciona na área da Língua Portuguesa, Artes e Ensino Religioso para os quatro anos finais do ensino fundamental.

2.5. CURRÍCULO E PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Com relação ao currículo que está presente na escola do campo, de acordo com a opinião de um dos professores entrevistados, apesar de já termos avanços comprovados graças às lutas constantes dos movimentos sociais por melhorias, como ter seus direitos reconhecidos e poderem participarem ativamente do elaboração dos PPPs e do currículo escolar, ainda é preciso avançar mais para que desta forma a instituição possa ter um ensino de qualidade que atenda de fato aos anseios da sociedade camponesa.

Conforme Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.” Assim o currículo é de fundamental importância no desenvolvimento da aprendizagem do aluno, pois direciona o caminho que devemos seguir.

A respeito do Projeto Político Pedagógico/PPP, a resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012, artigo 15º e § 1º, afirma que “Cabe a cada unidade de ensino a elaboração do seu projeto político pedagógico com a proposição de alternativas para a formação integral e acesso aos conhecimentos e saberes necessários.” Mas não é o que acontece na escola investigada, pois um dos docentes me informou que nesta escola o PPP é unificado, elaborado por coordenadores de uma escola urbana, desconsiderando totalmente a realidade do campo; ele diz que ainda não teve a oportunidade de ler todo esse documento na íntegra, porém leu uma parte que fala que os professores que vissem a necessidade de alguma mudança, por não estar de acordo com o seu objetivo, poderiam fazer os ajustes cabíveis, de acordo com seu plano de aula.

Como afirmam Rodrigues, Gomes e Sá (2021, p. 670), “O planejamento do professor terá muito mais credibilidade se estiver ligado ao que diz o PPP da escola, pois a organização de suas atividades para as aulas precisa ser baseada no que diz o documento.” Assim, é de suma importância a participação dos professores na elaboração do projeto. De acordo com Dias (2011, p.28), “eles proporcionam para as discussões sua visão de educação e as possibilidades das ações.” Com isso reforça-se a ideia de que nós educadores e toda comunidade escolar precisamos participar ativamente da elaboração do PPP, para garantir que o trabalho pedagógico tenha ressonância na vida dos alunos e possa assim garantir aprendizagens significativas.

Tratando-se das maiores dificuldades das escolas em relação à educação do campo, a diretora disse que existe um conjunto de fatores, são eles: a falta de estradas trafegáveis para que o transporte escolar funcione no período chuvoso sem quebrar muito, pois isso acontece frequentemente e os alunos ficam prejudicados por perderem muitas aulas; falta de material didático adequado, falta de estruturas nas escolas do campo (a escola em questão não tinha acessibilidade, mas hoje após a reforma é adaptada para receber alunos cadeirantes, porém falta professores especializados para lidar com alunos com deficiência.

Na opinião de um dos professores com quem conversei, uma escola do campo é aquela em que há uma transmissão de valores, que problematiza sua realidade e busca valorizar os saberes que foram adquiridos ao longo de sua existência, adequando-se ao assunto que está sendo trabalhado. Para este docente, apesar de termos conseguido grandes avanços, graças às lutas dos movimentos sociais, ainda não alcançamos nem cinquenta por cento, por essa razão ele afirmou que o modelo de educação praticado nas escolas do campo está mais voltado para o modelo urbano. Para ser verdadeiramente do campo, uma escola precisa reconhecer e valorizar os costumes e a cultura dos povos do campo, fazendo com que a vida camponesa seja parte viva do currículo escolar.

3. O POTENCIAL TRANSFORMADOR DO TRABALHO PEDAGÓGICO COM A LINGUAGEM NA ESCOLA

Considerando a importância central da linguagem como principal meio de interação sociolinguística, pela qual nos fazemos humanos e habitamos o mundo, este trabalho dedica uma seção especial à observação e análise da maneira como vem sendo realizado o trabalho pedagógico na área de língua portuguesa na escola foco desta pesquisa.

De acordo com Antunes (2003), Santos (2007) e Campos (2014), a língua e a linguagem podem ser entendidas de pelo menos três formas diferentes: 1) como expressão do pensamento; 2) como instrumento de comunicação; 3) como interação. A primeira concepção fundamenta os estudos da língua baseados na gramática tradicional, ou seja, a classificação das palavras, formação das palavras, formação das orações, classificação das orações e por estar relacionada desde sua constituição com os estudos da lógica considera que toda nossa produção linguística é um reflexo do nosso raciocínio lógico, do nosso pensamento.

A segunda concepção avalia a linguagem como sendo um sistema de códigos e instrumento de comunicação, a ferramenta da qual o emissor se apropria para transmitir uma mensagem ao seu receptor que irá decodificar os códigos para entender a mensagem. Enquanto a terceira concepção está baseada nos estudos da língua em uso caracterizados pelos estudos da enunciação, da linguística textual, da pragmática e da análise da conversação, abordagens que consideram que a língua é construída no processo de interação entre os sujeitos e esta depende do diálogo para existir.

Com relação à organização das disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e Literatura no currículo da escola, a diretora afirmou que na escola há uma matriz curricular que é o plano de curso das disciplinas, na qual há as competências e habilidades de cada disciplina. Falou ainda que a literatura trabalhada no ensino fundamental já vem inclusa nos livros de Língua portuguesa, portanto, não existe uma disciplina específica de literatura. Já Artes é uma disciplina trabalhada de forma separada.

A respeito da concepção de linguagem, ela falou que a linguagem está presente em toda nossa vida e é por meio dela que interagimos com o mundo e nos tornamos seres sociáveis no meio ao qual estamos inseridos, pois ela pode ser concebida como

forma de expressão do pensamento valorizando as formas gramaticais e assim sucessivamente. A linguagem também é um instrumento de comunicação, um código por meio do qual se transmite uma mensagem e é através da língua que interagimos.

Em função da centralidade da linguagem na vida social, consideramos que a escola, como principal agência de educação formal, tem um importante papel na formação dos sujeitos. Nessa direção, uma escola sintonizada com o seu tempo precisa assumir um projeto claro de letramento.

Até a década de 1980, a forma de ensinar a ler e escrever era baseada no desenvolvimento dessas habilidades como uma obrigação de memorização de letras, sílabas, palavras ou frases para se dizer que uma pessoa era alfabetizada. A partir dos anos de 1990 esse conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outra forma de aprender: o letramento, que está relacionado à possibilidade de fazer uso de conhecimentos sobre a escrita para resolver situações (inclusive, fora da escola); assim, diferentemente do que acontece na alfabetização, uma pessoa só é considerada letrada, quando consegue ler, escrever e usar esse conhecimento em práticas sociais.

Como afirmam Santos e Mendonça: As práticas de leitura e produção de textos desenvolvidos na escola, relacionados a um "letramento escolar", não atenderia as expectativas de um desenvolvimento socioeconômico-cultural da nossa sociedade, onde convivemos em um contexto tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a "decifrar um código" através de uma sequência de etapas, para só depois ler efetivamente, não garante a formação de bons leitores e escritores. Para Soares (1998),

Alfabetizar e letrar são duas formas distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 1998 p.47).

Assim, a formação de leitores e escritores competentes só acontecerá efetivamente se estes tiverem uma interação com diversos gêneros textuais, tendo como base os diversos contextos de comunicação; a escola tem um papel importante nessa interação, criando atividades que incentivem os alunos a ler e a produzir diferentes textos.

Segundo a diretora, a Escola Osvaldo Cruz não tem seu próprio Projeto Político Pedagógico (PPP), e que por isso não é trabalhado algo específico sobre letramento,

pois o PPP que a escola segue não trata especificamente desse tema. Porém, a diretora ficou interessada em fazer algo para melhorar o aprendizado dos alunos em relação ao letramento; ela acredita que um aluno letrado é aquele que sabe ler, interpretar e produzir textos e que essas habilidades deveriam prevalecer já a partir do 3º ano, pois em muitos casos os alunos chegam ao 9º ano ou mesmo ao ensino médio sem a prática do letramento.

Sobre a proposta curricular das disciplinas de Língua Portuguesa, Artes e Literatura na escola, a diretora disse que essa proposta já vem elaborada da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), portanto, a escola não tem uma proposta curricular própria. A diretora falou que já trabalhou em uma escola em que os professores faziam seus próprios planos de curso de acordo com as disciplinas e as séries; por exemplo, um professor que trabalhava só com a disciplina de Artes do 6º ao 9º ano desenvolvia seu plano de curso voltado especificamente para este ano, de acordo com o seu referencial teórico.

Com relação aos questionamentos se os professores dessas disciplinas e a coordenação pedagógica demonstram conhecimentos dos documentos oficiais, a diretora disse que acredita que se não todos, mas, boa parte dos professores têm conhecimento, sim, das disciplinas e que cada uma delas deveria ter seu próprio plano de curso. Ela relatou que tem conhecimento, até porque já trabalhou na elaboração de plano de curso em outra escola.

Com relação a projetos de leitura, a diretora disse que ainda não tem na escola Osvaldo Cruz, mas que já estão com uma proposta para elaboração de um projeto de leitura em andamento, e que por enquanto as leituras com os alunos só são feitas em meio as aulas, sendo que do 1º ao 5º ano, as leituras são contínuas; já do 6º ao 9º ano, os professores dão textos para os alunos lerem e interpretarem, porque isso é necessário praticamente todos os dias. De acordo com o que a diretora havia falado sobre um projeto de letramento que estava encaminhado no início da pesquisa, mais de três anos se passaram e isso não se concretizou; no decorrer desse período mudou a direção da escola e nada evoluiu quanto ao projeto de leitura.

Quanto ao projeto de letramento na escola, e como citei anteriormente, a diretora falou que não tem projeto na escola, pois falta uma sala específica para leitura, tem uma sala que chamam de biblioteca, mas o espaço não é adequado para essa atividade, porque mal cabem os livros didáticos. Estas informações são

coerentes com os presentes no site do QEdU, no qual há todos os dados das escolas¹ públicas brasileiras com relação à infraestrutura, aprendizagem dos alunos e outros aspectos.

No que diz respeito aos pressupostos teórico-metodológicos assumidos pela escola no ensino de língua materna, a diretora afirma que se baseia na concepção de Corrêa (2006), segundo quem ao adquirir sua língua materna a criança ainda tende a descobrir quais são as propriedades relativas às referências que resultam pertinentes para a gramática dessa língua em função de informação expressa nas interfaces, isso quer dizer que as categorias funcionais desempenham um duplo papel onde por um lado propicia um esqueleto sintático para expressões linguísticas e por outro introduz informações pertinentes às referências provenientes das intenções do falante e do contexto de enunciado no qual a fala se desenvolve.

3.1. A VISÃO DOS PROFESSORES

A professora que entrevistei e que trabalha com a disciplina de Língua Portuguesa no ensino fundamental maior é formada em Pedagogia. Durante a entrevista ela falou que sua família sempre sobreviveu da agricultura familiar e agora que seus pais já são idosos, a principal fonte de renda familiar é a criação de bovinos, tendo como complemento a aposentadoria, também planta alguns tipos de alimentos, mas em pequena quantidade, não é como era antes, que todos os anos faziam roças com expectativa de colherem de 40 (quarenta) a 50 (cinquenta) sacos de arroz, uma boa quantia de milho, feijão, produção da qual separava uma determinada quantidade para o consumo e a outra parte vendia para comprar outras coisas que não produziam na propriedade.

A professora disse que nunca trabalhou em nenhuma outra profissão, somente nesta que é de exercer o magistério e que isso aconteceu por falta de opção, pois ela tinha o sonho de cursar direito; tornou-se professora devido ao convite de vários professores que a chamavam para substituí-los quando precisavam sair. Por essa razão ela já leciona há mais de 15 anos e é concursada, disse ainda que durante todos esses anos nunca sofreu nenhum tipo de transtorno psicológico ou físico no exercício do trabalho, mas falou que teve colegas que passaram por problemas psicológicos na escola e que nenhuma providência foi tomada por parte dos responsáveis pela instituição. Falou também que seu plano de aula é feito semanalmente, mas que

¹ Site: <https://www.qedu.org.br>

sempre faz mudanças quando é necessário. Isso é muito importante, pois de acordo com Martins (2006),

(...) planejamento não é um fim em si mesmo, mas um meio de se preparar e organizar a ação, tendo em vista um objetivo. Daí a importância de se acompanhar essa ação tendo em vista um objetivo, a fim de alterá-la sempre que se constatar inadequação nas decisões previamente tomadas. Tais inadequações só serão percebidas se os objetivos estiverem sempre presentes para as pessoas envolvidas no processo. (MARTINS; 2006, p.87)

Neste sentido, o professor tem que se planejar para que seu trabalho possa ter o resultado esperado de acordo com seu objetivo, sempre respeitando e valorizando a opinião de seus alunos e dos pais que estiverem presentes no dia a dia em sala de aula acompanhando o aprendizado dos filhos.

A respeito da maior dificuldade dos alunos dentro da sala de aula, a professora disse que é quando ela pede para eles desenvolverem textos, pois a maioria não demonstra ter desenvolvido ainda habilidades suficientes para escrever, mas que essas dificuldades vão sendo superadas aos poucos, pois os coloca para produzirem bastantes textos, porque dessa forma consegue perceber onde está a dificuldade de cada um.

Sobre conteúdos, os que a professora mais gosta de trabalhar são os substantivos, advérbios e adjetivos e uso dos porquês. Já o conteúdo que ela tem mais dificuldade em trabalhar são os verbos, porque, segundo ela, uma criança que não tem acesso a uma boa alfabetização nas séries iniciais futuramente terá muitas dificuldades para entender alguns assuntos, dentre eles os verbos, pois de acordo com ela são muito complexos.

Para a professora, alguns materiais didáticos ajudariam a melhorar a prática docente, como computador, data show, dentre outros, pois além de os alunos apresentarem os trabalhos de forma mais explicativa, aqueles que estivessem assistindo as apresentações entenderiam mais o assunto e aprenderiam a lidar com as novas tecnologias.

A respeito da formação continuada, a professora falou que esses cursos, quando tem, ajudam muito na prática docente, tanto na parte de trabalhar com os alunos quanto na parte de dialogar com as famílias dos alunos, porque quando um aluno chega com algum problema, os professores procuram saber como é a forma de tratamento que aquele aluno recebe em sua casa, ou seja, se tem uma boa relação familiar e, se tiver problema na família, tentam resolver da melhor forma possível, pois

quando uma criança passa por um transtorno, seja ele qual for, isso dificulta muito o aprendizado. Outro fator importante que podemos ressaltar é que:

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática, enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo (FREIRE, 1996, p.39).

Além da relevância mencionada, a formação continuada serve para orientar os professores a lidarem com outras situações que tornam a educação cada dia mais complexa, exigindo dos profissionais atenção permanente e constantes atualizações.

Já com relação aos conteúdos de língua portuguesa que têm relação com o trabalho das famílias dos alunos e o ambiente em que vivem, segundo essa professora, isso acontece quando ela pede para os alunos escreverem uma redação contando como é o modo de vida deles no campo, onde eles falam da cultura, dos costumes, dos tipos de alimentos que plantam em suas propriedades, também falam sobre qual é a base da renda familiar.

A professora falou que nesta localidade não conhece ninguém que sobrevive exatamente da caça ou da pesca, mas algumas famílias caçam e pescam para o consumo, pois ela citou que de vez em quando chega aluno comentando que o pai pescou; afirmou ainda que realizou algumas aulas envolvendo dramatizações e que os pais dos alunos foram convidados para assistirem as apresentações dos filhos, porque o texto de Língua Portuguesa tinha vários personagens e relatava a problematização da vida cotidiana. Por essa razão, os pais ficaram contentes e agradeceram a professora pelo convite, demonstrando estar felizes de verem os filhos se divertindo enquanto aprendem.

Ao ser questionada sobre o que os alunos representam para a ela, a professora respondeu eles são como filhos e amigos; para ela “são tudo”. Já a respeito de mudar algo na carreira profissional, a professora falou que gosta da profissão, mas, se pudesse, acabaria com o preenchimento de diário escolar e elaboração de avaliações, porque isso se torna muito cansativo para o professor lidar com os alunos em sala de aula, depois ainda ter que arcar com essas outras responsabilidades.

A maior decepção que a professora citou é a desvalorização do corpo docente que vem ocorrendo diariamente neste país partindo dos que nos representam. Sobre o significado do seu trabalho, a professora informou que isto vem dos pais e alunos.

Dos alunos, no sentido de que ela recebe elogios, e das famílias dos alunos também, o que torna o trabalho gratificante e estimula cada vez mais seu desempenho na profissão que exerce. Também falou que não tem problemas em se relacionar com os alunos ou com os pais destes porque tem uma boa relação com a comunidade.

3.2. A VISÃO DOS ALUNOS

Tendo em vista que os alunos são os principais beneficiários da escola, no sentido de que é em função de sua formação que ela existe como tal, busquei ouvir suas percepções a respeito do trabalho pedagógico com a linguagem na escola Osvaldo Cruz. Uma das alunas que entrevistei relatou que a forma de ensino é sempre a mesma: os professores passam uma porção de conteúdos na lousa e explicam; em seguida passam uma atividade e quando chega o período das avaliações fazem uma breve revisão dos conteúdos estudados. Ela disse que suas maiores dificuldades com os conteúdos de Língua Portuguesa são a escrita, apresentação de seminários, ditados e apresentação de trabalhos com uso de data show.

Ela falou que está lendo muito para ver se consegue ter mais argumentos para melhorar as interpretações e apresentações. Com relação ao conteúdo, a entrevistada disse que gosta mais dos pronomes e advérbios; falou que tem dificuldade de interpretar textos e que isso acontece por falta de leitura, pois tem convicção de que precisa ler muito para melhorar o seu entendimento acerca dos textos e que o professor de Língua portuguesa tem que cobrar mais dos alunos a leitura e interpretação de textos para que assim possam melhorar o aprendizado.

Aproveitando a oportunidade, expliquei para questão de alfabetização e letramento mostrando o significado desses dois processos e em seguida perguntei se com base nas minhas informações ela acharia interessante a criação de um projeto de letramento nesta escola e ela me respondeu que sim, porque desta forma muitos alunos chegariam ao 5º ano lendo e interpretando.

Com relação aos conteúdos estudados e possíveis conexões com os modos de vida da comunidade, um outro aluno falou que essa relação acontece quando a professora pede para eles escreverem textos dissertativos contando como é o convívio social familiar, quais os meios de produção que a família obtém na propriedade em que vivem; ele informou que de vez em quando a professora passa conteúdos que retratam algo parecido com a realidade que vivem no campo, só que

no momento não saberia explicar qual o conteúdo específico daria conta dessa relação.

Quanto às disciplinas de Arte e a Literatura, ele disse que a literatura ajuda muito porque há muitas poesias interessantes e porque a literatura está presente em tudo que lemos. Também falou que sua família nunca foi chamada para nenhum tipo de projeto ou oficina ligados à arte ou à literatura da língua portuguesa que envolvessem os problemas da comunidade, disse também que entende melhor o assunto quando a professora usa o data show.

3.3. A VISÃO DOS PAIS

Uma mãe entrevistada falou que os professores deveriam trabalhar conteúdos que falassem de plantações, principalmente, do cultivo do cacau, falar tudo desde o processo de germinação da semente até o plantio, dizer quais os tipos de agrotóxicos que devem ser utilizados sem prejudicar o meio ambiente. A agricultora também disse que dentre os conteúdos de língua portuguesa que seus filhos estudam não observou se há algum que tenha relação com o meio em que eles vivem.

A mãe entrevistada já foi convidada para reuniões na escola, mas queria que os professores convidassem os pais pelo menos uma vez por mês para participarem da aula. Disse também que se pudesse pediria para os professores melhorarem o ensino, trabalhando mais conteúdos voltados para a realidade do campo. Para esta mãe, o que mais lhe agrada na escola que seus filhos estudam é a forma como eles são acolhidos no ambiente escolar e o método de ensino dos docentes, pois eles explicam de forma clara e os alunos entendam. Já o que lhe desagrada, ela disse, é a desorganização do ambiente escolar.

Na opinião dela, a escola deveria ter uma biblioteca, onde todos da comunidade tivessem acesso a livros didáticos; diz também que é preciso haver professores com mais formação. Quanto à infraestrutura da escola, ela sente falta de uma sala com computadores funcionando para os alunos fazerem suas pesquisas. Como já foi falado em outras ocasiões, há uma sala com computadores há mais de dez anos, mas durante todos estes anos esses computadores foram pouco usados devido estarem sempre com algum defeito. Ela reclama também da falta de uma horta comunitária.

Os pais vivem em uma luta constante pela manutenção das estradas vicinais para que seus filhos possam utilizar o transporte escolar e algumas vezes pelo próprio

transporte. Eles também lutam por construção de novas escolas e pela conservação das que estão abertas porque ultimamente o governo municipal tem estudado a possibilidade de fechar aquelas que apresentam baixo número de alunos matriculados e transferi-los para as escolas polo, o que as deixa sobrecarregadas, como foi o caso da Osvaldo Cruz quando alguns alunos tiveram que estudar dentro de uma igreja por falta de salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando eu estava na educação básica tive professores que em algum momento, seja de avaliação ou em discussões orais na sala de aula, pediram para que eu e os colegas déssemos opiniões a respeito de questionamentos feitos, e houve casos em que nos sentíamos constrangidos porque o professor dizia que nossas respostas não eram corretas.

Hoje compreendo que, ao pedir para o meu aluno dar sua opinião, seja nas discussões orais ou em atividades avaliativas escritas, tenho obrigações de considerar aquela opinião porque se não acatarmos a opinião do outro, não faria sentido a solicitarmos. O período de “regência de classe” foi gratificante, pois me proporcionou a oportunidade de estar pela primeira vez na sala de aula em contato direto com adolescentes e jovens.

Algumas vezes ouvi dizer que trabalhar com adolescentes e jovens era muito difícil e por esse motivo fui para a sala de aula com um pouco de receio em lidar com este público. Porém, foi tudo tranquilo, conversei com eles antes de começar a regência, expliquei o motivo pelo qual eu precisava estar ali com eles. E todas as atividades que propus eles fizeram e me chamavam de professora o tempo todo.

Mas, por outro lado, é frustrante ver que muitos destes estudantes chegam ao ensino médio sem as competências básicas de leitura e escrita. E isso pode estar relacionado a uma série de fatores, como por exemplo a falta de formação docente em cada área de atuação, já que a maioria dos professores são formados em pedagogia e lecionam nos anos finais do ensino fundamental em todas as disciplinas.

Com isso, muitos deles sem formação por área de conhecimento acabam fazendo uso excessivo da gramática tradicional perdendo boa parte de seu tempo ensinando classe de palavras e nomenclatura gramatical isolada fazendo com que o aluno decore mais e aprenda menos, pois desta forma não sobra tempo suficiente para a leitura, produção de textos, desempenho da oralidade e análise linguística.

Considero que tudo que foi feito durante o meu percurso de formação tem sido de grande importância para os aprendizados na minha trajetória de vida, assim como para a produção desse trabalho. Não foi fácil chegar até aqui porque além das dificuldades que temos de enfrentar, como por exemplo deixar a família, casa e todos

seus afazeres para trás, aconteceram coisas piores como a perda de cinco familiares, dentre estes, meu pai e minha mãe.

Mas, com a graça divina que move minha fé, não me deixei abalar, por pensar nos outros familiares que estão comigo aqui nesta terra: meus filhos, esposo, irmãos dentre outros. Assim, ter passado estes anos na UFPA foi um imenso privilégio, os professores são competentes e procuram sempre dar o melhor de si para que seus discentes consigam o melhor desempenho possível.

Estes professores me sensibilizaram em muitos momentos, por serem profissionais que se preocupam não só com o aprendizado dos discentes presentes na sala de aula, mas vão além dela. Digo isto no sentido de que eles estão ministrando a aula para nós e ao mesmo instante estão preocupados com o que nós devemos oferecer sobre os conhecimentos adquiridos na comunidade onde residimos. Sempre nos incentivam a valorizar os conhecimentos prévios e ensinar aquilo que o aluno deve aprender para garantir seus direitos de cidadão.

Também me senti honrada por ter aprofundado meu conhecimento sobre o histórico das lutas das famílias na comunidade Nossa Senhora da Conceição. Essas histórias foram de desafios e de superação.

O Curso de Educação do Campo contribuiu para a ampliação da minha visão sobre as coisas que acontecem em vários âmbitos da minha vida, mas que antes não conseguia pensar além do que era apresentado a mim. Desta forma, mudou também a maneira pela qual reconheço e reivindico meus direitos. Mudou também a minha postura profissional melhorando o tratamento com as crianças e ajudando a educá-las de maneira mais humanizada. Caso tenha a oportunidade de atuar como docente estarei preparada sabendo os caminhos que devo seguir para proporcionar o melhor no processo de ensino-aprendizagem. Outra contribuição do curso foi demonstrar ainda mais a importância da educação na sociedade fazendo com que eu incentive mais pessoas a persistir em busca de uma formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras pedagogias**, 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades**. Goiânia: Cânone Editorial, 2014.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento**. Filologia e linguística portuguesa, 2006.
- DIAS, Andreia Cristina Parizatto. **O Projeto Político-Pedagógico e sua influência no planejamento docente**. Campinas, SP: [s.n], 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Língua Portuguesa: ensino fundamental/ Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2010.
- MARTINS, O.L.P. **Didática teórica, didática prática: para além do confronto**. São Paulo: Loyola, 2006.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- PORTAL QEDU. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br>> Acesso em: 21 jan. 2023
- RODRIGUES, Ana Claudia; GOMES, Mirelly Rejane dos Santos; SÁ, Marizélia Barros de Carvalho e. O Projeto Político Pedagógico e sua Importância na Prática Pedagógica no Ambiente Escolar. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 665-674, ISSN: 1981-1179.
- SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (Orgs.) **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 1998.
- UNIVESP. Linguagem e significação – Concepções de linguagem. Disponível em: <<https://youtu.be/NoNmsvSwNlc>>. Acesso em: 08 jan. 2023.